



JOSÉ OSÓRIO DE LIMA FILHO

# O ENSINO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO BRASILEIRO

O CASO DAS  
ESCOLAS DO  
MUNICÍPIO  
DE APODI-RN

paruna

© José Osório de Lima Filho, 2024.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa do autor, responsável pelos direitos de uso destas imagens. (art. 184 do Código Penal e Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 do Código Civil Brasileiro de 2002).

A Paruna segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor no Brasil desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão do autor/organizador.

## CIP – Catalogação na publicação

---

L732 Filho, José Osório de Lima.

O ensino de história na formação do cidadão brasileiro – O caso das escolas do município de Apodi-RN / José Osório de Lima Filho.

Apodi-RN, 2024.

47 f.

ISBN: 978-65-85106-25-2

1. História. 2. Educação. 3. Cidadania. 4. Escola. I. Título.

CDD: 370

---

Capa, Editoração e Projeto Gráfico:

**Candida Bitencourt Haesbaert**

Revisão Ortográfica e Gramatical:

**Luiz Carlos de Lucena Andrade**



**Paruna Editorial**

Rua Lima Barreto, 29 – Vila Monumento

CEP: 01552-020 – São Paulo, SP

Fone: 11 98245-4224

[www.paruna.com.br](http://www.paruna.com.br) | [@parunaeditora](https://www.instagram.com/parunaeditora)

**José Osório de Lima Filho**

**O ENSINO DE HISTÓRIA  
NA FORMAÇÃO DO  
CIDADÃO BRASILEIRO**

**O caso das escolas do  
município de Apodi-RN**

**paruna**

**Apodi-RN  
2024**

## Dedicatória

Ofereço, com todas as náuseas de minha vida, esta singela monografia à hipocrisia dos seres humanos, ao capitalismo desumano, à justiça injusta e ao mistério do misterioso mistério com a sua bestialização.

“A História de todas as sociedades até hoje é a história das lutas de classe.”

Karl Marx

“Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas”.

Machado de Assis

## Agradecimentos

Ao meu pai, Zé de Osório, à minha mãe, Maria e às minhas irmãs, Suely e Suelya, pela convivência desenvolvida ao longo do tempo.

Ao meu camarada Alex (o baiano), pela sua companhia no início da luta.

Aos professores William e Gladstone, por plantarem a semente e o sentido da sabedoria.

Ao professor Vanderlan, pela sua palavra amiga nas horas difíceis e por mostrar o gosto pela sabedoria.

À professora Anadja, pela aprendizagem proporcionada e a divisão de águas na minha vida intelectual.

À todas as pessoas, que direta ou indiretamente contribuíram para a minha existência.

A todos os parentes, que contribuíram direta ou indiretamente para a minha vida.

Ao camarada Lidivando, pela sua companhia num momento difícil da minha passagem pela Terra.

A todos os professores, que solidificaram o meu aprender a aprender.

Ao doutor Chico Zé, por estar presente nos momentos mais difíceis da minha vida.

Ao Policial, Paulo Filho, por me ajudar no momento obscuro da minha existência.

Ao Professor Segundo, por plantar o gosto de estudar história no meu ser.

À minha filha Lara Maria, por me dar muito amor e ressignificar minha vida totalmente.

À Aldineide, minha ex-noiva, por realizar meu sonho de ser pai.

À polícia militar de Apodi-RN, pelo tratamento humanizado para comigo, durante um surto psicótico.

À minha família paterna e materna, por me ajudar na travessia da doença psíquica, até o quadro de estabilidade por doze anos.

Aos meus psiquiatras, José Hélio e Micheline Abrantes, por encontrar um esquema medicamentoso que estabilizou minha saúde mental.

Aos meus dois sensei, isto é, Lindogênio e Felício, bem como, ao mestre Marcos Patriota, por proporcionar as ferramentas pelas quais, eu realizei o sonho de ser faixa preta de karatê.

Ao meu amigo Bruno Duarte, pela amizade sincera desenvolvida nas nossas vivências ao longo desses 13 anos.

E, sobretudo, a Deus, por me dar sabedoria e inteligência para enfrentar os desafios.

## Apresentação

A conquista por uma vaga nos bancos da universidade pública ainda se constitui um privilégio na nossa sociedade contemporânea. Talvez, mais difícil seja encontrar força, motivação e recursos para frequentá-la diariamente com a finalidade de concluir determinado curso.

Muitos são os estudantes que buscam um curso de licenciatura como via para chegar à universidade, porém, poucos são aqueles que assumem o compromisso com a profissão da docência a partir da sua vivência com a formação universitária.

É nesse contexto que situo o percurso acadêmico de Osório: um estudante obstinado com a meta de tornar-se um profissional na área do ensino de História e, ao mesmo tempo, um cidadão do mundo, procurando ocupar seu espaço de sujeito histórico no contexto sociocultural onde vive.

O papel do ensino da História na formação do cidadão brasileiro se constitui a primeira preocupação de pesquisa de Osório. O autor procura fazer um retrato das concepções pedagógicas que estão presentes no cotidiano dos professores, ao mesmo tempo em que trabalha com conceitos históricos básicos para a compreensão da "consciência histórica do cidadão brasileiro".

Ser professor nos dias atuais exige a indissociabilidade entre o ensinar e o pesquisar, entre a ação e a reflexão, como mecanismo necessário para desenvolver nossas competências docentes. No que se refere ao professor da disciplina de História, suas pesquisas devem estar situadas entre o conteúdo e a forma, ou seja, entre os conteúdos próprios da História e as questões de ordem pedagógica legítimas para discutir o fazer do professor. Ao ler esta pesquisa, é possível perceber que Osório apresenta uma forte tendência para seguir esta linha de compreensão.

Anadja Marilda Gomes Braz

# Sumário

<b>Introdução</b>	11
<b>1 – Um olhar panorâmico sobre o Ensino de História no nível médio, sua relação com a pedagogia, a cidadania e o mundo globalizado</b>	15
1.1 Concepções Pedagógicas do Ensino/Aprendizagem	15
1.2 Apontamentos sobre o Currículo Oficial e o Real	16
1.3 A função Ideológica do Ensino de História	18
1.4 Exigências do Neoliberalismo à Educação	19
1.5 A identidade Nacional num Mundo Globalizado	20
1.6 Visão Analítica dos Professores de História	22
1.6.1 Significado do Sujeito Histórico	22
1.6.2 Utilidade do Saber Histórico	23
1.6.3 Conceito de História	23
1.6.4 Função do Ensino de História	24
1.6.5 Papel da Cidadania na Formação do Ser Humano	27
1.7 A realidade nua e crua do Ensino de História nas Escolas	32
<b>2 – Um horizonte para o Ensino de História</b>	35
2.1 – Como ocorre o Processo de Ensino-Aprendizagem	35
2.2 – O Ensino de História e a Formação do Cidadão Revolucionário	39
<b>Considerações finais</b>	42
<b>Referências bibliográficas</b>	43
<b>Anexo – Ser cidadão-cidadã!</b>	46



## Introdução

O ensino de História é muito importante na educação dos brasileiros, pois ele é um dos caminhos para a formação da consciência nacional e global. Assim sendo, existe uma série de interesses conflitantes quanto à sua utilidade. Nesse sentido, podemos ver como os fatos históricos podem assumir premissas diferentes, consoante ao seu direcionamento para os mais variados caminhos. Para tanto, a cidadania é um dos objetivos do ensino de História na atualidade.

Desse modo, o presente trabalho tem como problema a concepção dos professores de História do Ensino Médio sobre a função do ensino de História na formação do cidadão brasileiro. Além do mais, esboça uma hipótese sobre a realidade problematizada, isto é, para os professores de História, o ensino desta disciplina consiste na exposição factual, linear, cheia de datas e nomes de pessoas importantes para serem decorados. Dessa forma, o estudo em questão tem como objetivo geral fazer uma análise sobre o olhar dos professores de História a respeito da função do ensino da História na formação cidadã dos seus alunos, e por sua vez, tem como objetivo específico a coleta de informações sobre as concepções dos professores de História acerca do ensino da História, bem como verificação das concepções pedagógicas dos professores de História: Pedagogia Diretiva, Pedagogia Não Diretiva e Pedagogia Relacional.

Outro aspecto importante é o que diz respeito à estrutura do trabalho, já que este está dividido em dois capítulos. O primeiro tem como título: Um olhar panorâmico sobre o ensino de História no Nível Médio e a sua relação com a Pedagogia, com a cidadania e com o mundo globalizado. Já o segundo, tem como denominação: Um Horizonte para o ensino de História.

Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo e uma pesquisa bibliográfica. A pesquisa de campo se deu através da observação assistemática das aulas dos professores de História, assim como da aplicação de um questionário com os docentes e os alunos. Já a pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir da seleção de obras que se relacionavam com a temática estudada, e, a partir destas, foi efetuada uma leitura analítica dos livros, mediante técnicas de fichamento, neste caso específico, o fichamento citativo foi o escolhido, em virtude da falta de tempo. Além disso, foi executada uma análise assistemática das categorias pesquisadas, tanto nos livros, quanto nas respostas dos professores. Por último, não podemos deixar de falar que o levantamento das atividades aplicadas pelos professores aos discentes foi decisivo para o trabalho.

Para tanto, foi feito um singelo mapeamento acerca de obras que trabalhavam com a temática em questão na UERN. Com isso, nos foi possível encontrar três monografias que possuíam ligações com o trabalho monográfico. A saber: a Monografia de Maria Joseilma do Nascimento cujo título é *A Abordagem dos Conteúdos de História: Uma questão a ser analisada*; a Monografia de Roberto Palhano da

Silva que versava sobre: *O Ensino de História no Nível Médio: Um Estudo das Causas do seu Desprestígio*; e a Monografia de Maria Aurélia Sarmento que discorria a respeito das: *Rupturas...Permanência...Perspectivas: O Ensino de História no Brasil, Definições e Redefinições do seu Papel Educativo e Social*. Além de tudo isso, não podemos esquecer de que Leandro Karnal, Marcos Silva, Circe Bittencourt, Sônia Nikitiuk, Vavy Pacheco, José Carlos Reis, Lucine Marizete, Conceição Cabrini, Maria de Lourdes, Paulo Freire, José Carlos Libâneo, Jiron Matui, Fernando Becker, Anadja Braz, Selva Guimarães, Eloisa Caimi, Maria Schmidt, Marlene Cainelli, PCN's (do Ensino Fundamental e Médio) e Karl Marx, dentre outros foram fundamentais para a pesquisa.

Dessa forma, a contribuição inovadora está no fato de que o ensino de História é um caminho pelo qual a consciência da "cidadania revolucionária" (grifo nosso) é despertada e pode proporcionar a saída do homem da "caverna" (grifo nosso) da alienação.



# 1

## **Um olhar panorâmico sobre o ensino de História no nível médio, sua relação com a pedagogia, a cidadania e o mundo globalizado**

### **1.1 – Concepções Pedagógicas do Ensino/Aprendizagem**

Na atual estrutura educacional brasileira, a História é de fundamental importância para a formação de um cidadão: Consciente, crítico, ético, autônomo, participativo e transformador da realidade. Assim sendo, os paradigmas do ensino que permeiam a mente dos professores, dos alunos e da sociedade em geral precisam ser reavaliados, para que a partir desta revisão paradigmática, nós possamos construir, desconstruir e reconstruir os caminhos do ensino-aprendizagem na disciplina de História.

Em um primeiro momento, podemos perceber que muitos docentes estão arraigados à uma concepção de ensino na qual o professor é o detentor do saber, pronto e acabado, enquanto que o aluno é visto por eles como uma folha de papel em branco, na qual o docente vai preenchê-la através da transmissão do conhecimento.

Em um segundo momento, verificamos que um número significativo de educadores compartilha de uma outra forma de compreender o ensino de História. Isto é, de acordo com estes professores, os alunos nascem com uma capacidade inata, assim, cabe ao professor fazer apenas algumas orientações, pois esse não transmite o conhecimento, faz apenas facilitar a aprendizagem dos alunos por meio dos seus conselhos, dicas e sugestões.

Em um terceiro momento, encontramos um conjunto de educadores que tem como base a postura construtiva de ensino, para tanto, eles se colocam como mediadores do conhecimento historicamente acumulado da sociedade e os conhecimentos prévios dos seus alunos, que por sua vez, são vistos como sujeitos durante o processo de ensino-aprendizagem.

## **1.2 – Apontamentos sobre o Currículo Oficial e o Real**

Entretanto, podemos perceber que entre o currículo oficial e o real existe uma discrepância imensurável, pois enquanto o primeiro propõe a História como disciplina formadora de indivíduos críticos, reflexivos e participativos da vida social, o segundo nos mostra uma História decorativa, mecânica e sem nexos com o cotidiano dos alunos, e, ao mesmo tempo, gera uma apatia deste com a sociedade.

“A História tem permanecido no currículo das escolas, constituindo o que se chama de saber histórico escolar. No diálogo e no confronto com a realidade

social e educacional, no contato com valores e anseios das novas gerações, na interlocução com o conhecimento histórico e pedagógico, o saber histórico escolar tem mantido tradições, tem reformulado e inovado conteúdos, abordagens, métodos, materiais didáticos e algumas de suas finalidades educacionais e sociais. Nesse diálogo tem permanecido, principalmente, o papel da História em difundir e consolidar identidades no tempo, sejam étnicas, culturais, religiosas, de classes e grupos, de Estado ou Nação. Nele, fundamentalmente, têm sido recriadas as relações professor-aluno, conhecimento histórico e realidade social, em benefício do fortalecimento do papel da História na formação social e intelectual de indivíduo(sic) para que, de modo consciente e reflexivo, desenvolvam a compreensão de si mesmos, dos outros, da sua inserção em sua sociedade histórica e da responsabilidade de todos atuarem na construção de sociedades mais igualitárias e democráticas”<sup>1</sup>

Neste sentido, o estudo da História no currículo real das escolas não proporciona a compreensão dos processos históricos, e muito menos, as inserções dos alunos como sujeitos históricos.

---

1 BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História*. Brasília: MEC/1998, p. 29.

### 1.3 – A função Ideológica do ensino de História

“Afirmamos que a História ensinada nas escolas ocupa uma função ideológica dentro da estratégia da ‘ordem’ (grifo do autor). Uma ordem que reflete os interesses das classes que detêm o controle do poder. Um argumento que reforça esta ideia é o fato de se procurar oferecer aos estudantes a compreensão do processo como um todo, visando assim escamotear a dominação de classe existente”.<sup>2</sup>

A partir disso, constatamos que o ensino de História perde sua razão de ser, no que diz respeito à formação de indivíduos capazes de fazer uma interpretação crítica e autônoma acerca dos fatos num determinado tempo e espaço. Uma vez que nessa situação a História deixa de ser um instrumento de libertação e passa a ser uma ferramenta de alienação através do estudo da História morta (estudo do passado pelo passado). Assim, as escolas perpetuam uma educação histórica que cega literalmente os educandos. Desse modo, estes não conseguem abrir os olhos para a importância do estudo da História na vida em sociedade, isto é, os mesmos não veem as raízes do presente no passado e suas múltiplas relações de um com o outro e vice-versa, porque existe um véu colocado nos olhos dos discentes e dos docentes, ou seja, uma ideologia que legitima o sistema capitalista e o Estado elitista com suas desigualdades econômicas, sociais, culturais, políticas e educacionais.

---

2 MUNHOZ, Sidnei José. Para que serve a História? In: SILVA (Org). *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1994, p. 65

## 1.4 – Exigências do Neoliberalismo à Educação

Nessas condições, conforme (LIBÂNEO 2003), o perfil de trabalhador que o capitalismo neoliberal tem definido para atender as exigências do processo de produção e desenvolvimento na sociedade do conhecimento é a do trabalhador que se enquadre, ou seja, possua maior escolaridade, conhecimento na manipulação dos instrumentos tecnológicos, habilidades na informática, capacidade para trabalhar em grupo, múltiplas competências em diversas áreas do saber, facilidade de adequação ao trabalho, reciclagem contínua, capacidade de comunicação e escrita entre outras. Pois o processo de produção é muito acelerado no mundo de hoje, assim as exigências são enormes, tanto na produção de conhecimentos quanto na produção de meios materiais, logo o trabalhador ou se adapta ao sistema ou é excluído dele. Assim, consoante a Lei nº 9.394/96:

“O Ensino Médio, portanto, é a etapa final de uma educação de caráter geral, afinada com a contemporaneidade, com a construção de competências básicas, que situem o educando como sujeito produtor de conhecimento e participante do mundo do trabalho, e com o desenvolvimento da pessoa, como “sujeito em situação”, – Cidadão (grifo PCN)”<sup>3</sup>

Levando em conta as propostas educacionais para o ensino nos dias de hoje, podemos destacar duas, em especial. De um lado, o projeto de ensino na visão neoliberal

---

3 BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares: Ensino Médio*, Brasília: 1991, p. 22

é definido pelas exigências do mercado. Com isso, a escola perde a sua identidade e passa a ser uma empresa. O mesmo ocorre com o ensino, pois deixa de ser instrução para ser uma mercadoria. Nestas circunstâncias, o objetivo é formar sujeitos individualistas, competentes e excelentes consumidores. Para isso, é utilizada uma pedagogia de competição na formação dos alunos. De outro lado, o projeto de ensino para escola democrática e humanista tem como fio condutor a formação de cidadãos críticos e solidários à coletividade, uma vez que, através desta dimensão, prepara o indivíduo para transformar a sociedade, assim como, construir uma identidade mundial, nacional e local, tendo em vista o respeito às peculiaridades e as diferenças religiosas, étnicas, raciais e culturais.

## **1.5 – A identidade Nacional num Mundo Globalizado**

Assim sendo, o papel do ensino de História na formação do ser humano é um tanto quanto complexo na sociedade contemporânea e globalizada, pois os sujeitos são globais e locais, ao mesmo tempo. Desta forma, a questão da identidade nacional ganha destaque no sentido de que a nossa História possui suas particularidades históricas que precisam ser compreendidas, respeitadas e preservadas, como é o caso da formação cultural brasileira.

Nessa direção Perry Anderson<sup>4</sup> nos diz que “as sociedades modernas podem ser parecidas umas com as outras

---

4 BITTENCOURT, Circe (org). Capitalismo e Cidadania nas Atuais Propostas Curriculares de História In: BITTENCOURT, Circe (org) et al. *O Saber Histórico na Sala de Aula*. 2ª Ed. – São Paulo: Contexto, 1998, p. 19.

em todas as características estruturais, isto é, distribuição da força de trabalho, grau de urbanização, perfil demográfico, tamanho e funções do Estado." Para tanto, permanecendo, ao mesmo tempo, significativamente diferentes em cultura.

"A construção de uma identidade nacional que permeia a existência da disciplina como obrigatória nos currículos brasileiros desde o século XIX, passou a ser redefinida, portanto, sob outros parâmetros repensada sob novas perspectivas relacionadas às mudanças sociais e econômicas, em curso no país, a mundialização e as transformações do papel do poder do Estado na nova ordem mundial e econômica,"<sup>5</sup>

Portanto, nesta configuração histórica, o ensino da disciplina História precisa priorizar a educação Histórica a partir de uma perspectiva problematizadora dos fenômenos sociais. Para tanto, o professor de História necessita problematizar o tempo em que vivem os alunos, pois através desta problematização do presente, com a devida concatenação com o passado, tanto o aluno vai encontrar sentido para a História, quanto o professor.

---

5 BITTENCOURT, Circe (org) Capitalismo e Cidadania nas Atuais Propostas Curriculares de História In: BITTENCOURT, Circe (org) et al. *O Saber Histórico de Aula*. 2ª Ed. – São Paulo: Contexto, 1998, p. 18.

## 1.6 – Visão Analítica dos Professores de História

### 1.6.1 – Significado do Sujeito Histórico

Conforme o entendimento dos professores de História do Ensino Médio no município de Apodi, um sujeito histórico é visto como um ser que constrói a História, que contribui para a formação do cidadão e das mudanças. Assim, é um indivíduo que participa ativamente da construção da sua História e que se integra de forma consciente ao processo histórico mais amplo. Pois bem, este indivíduo pode participar ativamente (ou não!) dos acontecimentos sociais, exercendo sua cidadania no meio em que vive. Para tanto, são os homens como seres sociais, ou seja, os grupos sociais, quer dizer, a coletividade. Contudo, o sujeito histórico é um agente de atitudes sociais, que se torna significativo para estudos históricos, escolhidos com fins didáticos, sendo eles indivíduos, grupos ou classes sociais, isto é, são indivíduos inseridos no contexto histórico atuando individualmente ou em grupo.

“A categoria cidadania permite avançar no pressuposto dialético marxista: Os homens fazem História, segundo determinadas circunstâncias – o que significa não pender nem para os sujeitos nem as estruturas; nisso reside à possibilidade de fazer a ligação ente os desejos e as necessidades dos homens, enquanto indivíduos (subjetividades) e enquanto sujeitos grupais no bairro, nas fábricas, nos sindicatos e nos partidos até chegar ao âmbito global da sociedade.”<sup>6</sup>

---

6 MANZINI, Covre. Maria de Lourdes. *O que é Cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 63.

### 1.6.2 – Utilidade do Saber Histórico

Assim sendo, de acordo com os docentes, a História serve para ampliar os conhecimentos desde as origens dos fatos até o seu desenvolvimento ao longo do tempo. Nesse sentido, deve servir de instrumento para a formação crítica, ativa e participativa do educando, pois ela propicia o conhecimento dos fatos passados e a compreensão do presente. Assim, mediante a compreensão do passado, do presente e a relação entre ambos, bem como, através de ações coletivas baseadas no bom senso, lançar bases para um futuro melhor. Com isso, a História como ciência tem o papel primordial de “senhora do destino” (grifo do professor Apolo), ou seja, ela se encarrega cronologicamente de nos localizar no tempo e no espaço, como também fazer uma narrativa de ações humanas.

“Para muitos, o conhecimento do passado serve para manter as tradições, por vezes no sentido de tentar impedir as permanentes mudanças; para outros, o sentido da História é propiciar o desenvolvimento de forças transformadoras das sociedades”.<sup>7</sup>

### 1.6.3 – Conceito de História

Para tanto, eles concebem a História como um processo evolutivo de conhecimento, desde tempos remotos, sendo que ela é a ciência que estuda as sociedades humanas através dos tempos e em diferentes espaços. Para isso, realiza um estudo cientificamente conduzido das transformações

---

7 BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 58.

das sociedades humanas. Mediante isso, afirmam que a História é a testemunha das ocorrências passadas, assim, enquanto campo de estudo é a memória viva. Desta maneira, a reconstrução desta memória através de uma narrativa, individual (ou coletiva) viabiliza uma forma de pensar nossa História e, conseqüentemente, transformar nosso presente e futuro.

“A História é a história do homem, visto como um ser social, vivendo em sociedade. É a história das transformações humanas, desde o seu aparecimento na terra até os dias em que estamos vivendo. Desde o início, portanto, pode-se tirar uma conclusão fundamental: quer saibamos ou não, quer aceitemos ou não, somos todos parte da história, e todos desempenhamos nela um papel; E temos então todos, desde que nascemos, uma ação concreta a desempenhar nela.”<sup>8</sup>

#### 1.6.4 – Função do ensino de História

Nesta perspectiva, o corpo docente de História do Apodi acredita que o papel do ensino e do conteúdo de História contribui significativamente para a formação do cidadão brasileiro, pois, para eles, a História tem um grande destaque na formação do cidadão nacional, já que o seu conteúdo além de mostrar a realidade das civilizações passadas, propicia o seu entendimento, assim como, dá condições de ver o presente com criticidade. Desse modo, o ensino de História através dos conteúdos de História do Brasil e Geral deve levar o educando a compreender o processo de construção

---

8 Ibid, op cit, p. 48.

da sociedade e estados brasileiros e liga-los, relacioná-los ao contexto mundial. Destarte, é necessário entender o homem no contexto histórico visando à formação crítica do cidadão, pois o conhecimento histórico é fundamental para o processo de formação cidadã, visto que quando se compreender a História, há uma possibilidade de errar menos. Enfim, a História pode atuar como mediadora na formação do cidadão brasileiro, com seus conceitos, nomes e datas. Porém, é difícil fazer analogias de atitudes cidadãs no decorrer dos séculos, e, com isso, a História tornar-se um mecanismo de investigação e interpretação dos fatos históricos. E, todavia, está contribuindo para a formação de indivíduo crítico e participativo.

Não se pode esquecer de que, quando os professores foram abordados sobre o modo pelo qual a História pode ser ensinada, eles falaram que não se deve mais levar conteúdo para o aluno para que ele decore somente para adquirir conceitos quantitativos, mas sim, deve-se levá-lo a desenvolver um espírito crítico, através do ensino da História, assim como, o conhecimento nato do aluno também deve ser valorizado. Neste sentido, a História deve estar a serviço da construção de uma consciência histórico-crítica, buscando a tomada de posição dos indivíduos frente aos desafios de hoje, de forma crítica, reflexiva contextualizando os fatos passados com o presente. Para entender o passado, viver o presente e, com o conhecimento adquirido, preparar para o futuro.

No entanto, a História não necessita de um modo específico para ser ensinada. Hoje no mundo globalizado,

é necessário e sempre interessante trazer o fato histórico para o cotidiano local. Mas sem perder a essência, pode-se também utilizar recursos novos como a música e a mídia. Por isso, é interessante a atualização, em razão de que a História é uma ciência social em constante transformação.

Observa-se também que, as metodologias usadas pelos professores de História são as mais variadas, apesar dos recursos serem restritos, procura-se dar o melhor para que o aluno venha adquirir conhecimentos. Por isso que eles usam aulas expositivas, pesquisas, seminários, estudos de textos complementares, roteiros de pesquisas (bibliográfica, internet), documentários, julgamentos, debates, jornais, revistas, mapas históricos, vídeos históricos, música interpretativa e temas transversais variados. Sendo assim, segundo eles, proporcionam uma metodologia histórico-crítica, interpretativa e atualizada, devendo avaliar o aluno de acordo com a sua realidade.

É necessário frisar que a realidade da prática docente do professor de História é bastante complexa. Pois, para alguns, as inovações são bem vindas, assim, eles dizem que o professor tem a sua disposição mais recursos, como a internet, a tele-sala, variados livros de pesquisa, uma visão mais crítica do ensino de História, no que se refere às produções. Porém, falta mais tempo, planejamento e grupos de estudo devido à pesada carga horária em diferentes escolas, da maioria dos professores. Apesar disso, o professor tem mais fontes de pesquisa, conseqüentemente, sua prática variável fornece melhorias. Mesmo assim, ainda praticam muitas aulas teóricas, precisam sair mais da sala de aula, para com isso, viabilizar a construção da aula de

campo. Por outro lado, há professores afirmando que a prática docente atual não se diferencia das praxes de 20 anos atrás. Para eles, o professor de hoje modificou um pouco sua aula, no sentido de adequar a realidade histórica a vivência do aluno, mas, continua com o objetivo maior de cobrar conteúdos, apesar de se pedir sempre a formação de um cidadão crítico e participativo.

“Em nossas escolas, principalmente nas de 1º e 2º graus, é ministrado um ensino de História factual, baseado em grandes personagens e feitos “históricos” (grifo do autor). Este método de ensino está seriamente comprometido com a manutenção e reprodução dos valores da sociedade burguesa atual. Entretanto, a instituição escolar efetua o discurso da neutralidade científica, buscando esconder assim, sua orientação classista burguesa. Nesta escola, a História, enquanto processo dinâmico cede lugar à compilação de fatos fragmentados que impede ao estudante a compreensão do processo histórico como um todo. consequentemente da realidade por ele vivenciada.”<sup>9</sup>

### **1.6.5 – Papel da Cidadania na Formação do Ser Humano**

É preciso insistir no fato de que a História pode ser instrumento de consciência na formação de um cidadão crítico e participativo, assim sendo, analisemos a questão segundo os educadores consultados. Pensa-se que a melhor forma é apresentar História como um instrumento de mudança, desta forma, é por meio da seleção de conteúdos

---

9 Ibid, op cit, p. 66-67.

significativos ou procurando-se levar conteúdos aparentemente mortos, contextualizando-os, salientando-se semelhanças e diferenças e mudanças e permanências nos diferentes tempos e espaços, concomitantemente, com metodologias adequadas: debates, questionamentos sobre temáticas atuais como a política, a sociedade e a economia. Assim possibilitar através da compreensão histórica a aquisição de uma noção abrangente do processo histórico. Com isso, o cidadão adquire conhecimento, tornando-se crítico. Entretanto, a História tem uma ação subjetiva, em que os sujeitos históricos muitas vezes têm uma atuação esporádica ou não, então é importante que o estudante de História perceba seu papel participativo e não passivo aos fatos. Para alcançarmos a conscientização devemos partir dos seguintes princípios: deixar de lado a emoção e tornarmos-nos agentes intrinsecamente do processo histórico.

Desse modo, é imprescindível insistir no fato de que os objetivos apontados pelos professores de História em sua aula são fatores decisivos na aprendizagem dos alunos. Nesta direção, eles afirmam que o principal objetivo é levar o aluno a entender a História e a partir daí, ampliar conhecimentos para que possa desenvolver as habilidades de sujeitos da História. Para isso, é fundamental despertar o senso crítico-reflexivo do aluno, formando-o para a inserção deste na sociedade, embora os alunos não deem a devida atenção aos objetivos, é preciso mostrar para eles que no mundo atual é fundamental o desenvolvimento dessas atitudes. Logo é urgente a necessidade de uma capacidade para analisar e se posicionar no mundo. Desse modo, passar os conteúdos históricos, tendo em vista a adequação destes

a realidade social de cada aluno, é indispensável na missão de formar o indivíduo para uma vida extraescolar.

Porém, é preciso considerar o modo como os professores de História do Ensino Médio de Apodi concebem a colocação no dia a dia da aprendizagem adquirida com a História. Ao serem indagados, eles dizem que a aprendizagem adquirida pode ser colocada em prática, desde que o sujeito participe das mudanças, de acordo com os fatos da política, da economia e da sociedade, e contribua para o desenvolvimento social. Todavia, dependendo de um maior ou menor grau de desenvolvimento crítico conquistado, o indivíduo se envolve mais em movimentos sociais e políticos. Um exemplo é o caso do indivíduo que consegue fazer paralelos com a sociedade atual, buscando explicações históricas para as problemáticas da sociedade, como por exemplo, o porquê da existência das favelas. Neste sentido, os mesmos afirmam que não é nada fácil, pois não existe fórmula pronta e acabada para isso. Mas o papel do professor é de oferecer estradas através de informações, fatos históricos e conteúdos específicos da área. Cabe, para tanto, ao aluno, habilidades para a introdução do cotidiano, já que o professor está mediando por meio de analogias, entre o histórico e o que é hodierno. Por fim, não se pode deixar de dizer que o indivíduo, acima de tudo, precisa ser naturalmente um ser político.

Lembramos também que os professores, no momento em que foram inquiridos acerca da contribuição da História ensinada nas escolas, bem como, o porquê de sua relevância para a cidadania, eles ratificaram que acreditam no exercício da cidadania, dependendo da sociedade como

um todo. A História ensinada nas escolas pode contribuir com a formação crítica do aluno, onde ele pode enxergar os direitos e deveres do cidadão, enquanto estuda a disciplina. Para isso, essa precisa estar contextualizada com a realidade dos conteúdos do passado e do presente. Dessa forma, através do estudo das lutas por conquistas sociais no decorrer da História, o aluno tem a possibilidade de desenvolver uma consciência crítica frente à sociedade em que vive. Assim sendo, o entendimento e o conhecimento da sua sociedade dão condições para o educando lutar por sua cidadania. Em suma, a escola é uma instituição democrática, suprapartidária, multirracial e hierárquica, eis aí os ensinamentos escolares. Logo, a História ensinada nas escolas é pura vida social.

Por último, os educadores em estudo, corroboram que a humanidade deve muito à História ensinada nas escolas, uma vez que essa e aquela tem muito a oferecer ao ser humano. Um bom exemplo disso é levar o educando a entender todo o processo de construção da humanidade, desde a criação do mundo, e do aparecimento do homem até os acontecimentos presentes, onde se busca o entendimento do passado e procura-se modificar o presente ou preservá-lo, haja vista, as condições em que se encontra a humanidade. Assim sendo, consoante a um deles, a História é cíclica, e os acontecimentos globalizados, logo, podem-se utilizar aprendizados passados, contextualizando-os, e, assim, reportando-se a fatos polêmicos, extrair do epílogo uma possível solução para a hodiernidade. Com isso, a História oferece a oportunidade de conhecer e de produzir conhecimentos ligados às experiências e inventos

do passado e do presente. Nesta perspectiva, a escola, através das disciplinas de História, Filosofia e Sociologia, ensinadas com o objetivo de formar um cidadão crítico e participativo, tem muito a colaborar para a constituição de um mundo humanizado. Por isso a História é a essência da vida humana.

“O conjunto de preocupações que informam o conhecimento histórico e suas relações com o ensino vivenciado na escola leva ao aprimoramento de atitudes e valores imprescindíveis para o exercício pleno da cidadania, como exercício do conhecimento autônomo e crítico; valorização de si mesmo como sujeito responsável da História; respeito às diferenças culturais, étnicas, religiosas, políticas, evitando qualquer tipo de discriminação; busca de soluções possíveis para os problemas detectados em sua comunidade de forma individual e coletiva; atuação firme e consciente contra qualquer tipo de injustiça e mentiras sociais; valorização do patrimônio sociocultural próprio e de outros povos, incentivando o respeito à diversidade; valorização do direitos conquistados pela cidadania plena, aí incluídos os correspondentes deveres, sejam dos indivíduos dos grupos e dos povos, na busca da consolidação da democracia.”<sup>10</sup>

---

10 BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: Conteúdos e Conceitos Básicos. In: KARNAL, Leandro (org). *História na Sala de Aula: Conceitos, Práticas, e Propostas*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 47 e 48.

## 1.7 – A realidade nua e crua do Ensino de História nas Escolas

Apesar dos professores de História professarem a importância do ensino de História na formação do cidadão brasileiro, eles realizam nas suas aulas um ensino mecânico, no qual o que prevalece é o estudo de nomes, datas, fatos e personagens. Com isso, percebemos que na sala de aula, a História continua sendo lecionada e estudada a partir do passado pelo passado, isto é, os professores trabalham os conteúdos de forma repetitiva e decorativa. "A maioria de nossos estudantes não compreende a História que estuda e nem suas finalidades."<sup>11</sup> Além do mais, os trabalhos avaliativos aplicados por estes professores delatam a presença de uma História decorativa, visto que as perguntas são feitas sobre os nomes, as datas, os fatos e as personagens, e mais, na maioria dos casos as atividades são objetivas, com uma ínfima ou nenhuma questão subjetiva, e quando estas aparecem, ainda continuam com um caráter mecânico. Dessa forma, o aluno é conduzido a um aprendizado que não lhe proporciona o raciocínio histórico.

Além disso, no que diz respeito às concepções, constatamos que consciente ou não sobre as visões pedagógicas que os influenciam, os professores de História apresentam nas suas práticas de ensino tanto a Pedagogia Diretiva, quanto a Pedagogia não Diretiva. Assim sendo, no primeiro caso, os mesmos se colocam como responsáveis pelo aprendizado dos alunos, uma vez que esses são vistos como uma tábula rasa onde os mestres depositam o conhecimen-

---

11 Ibid, op cit, p. 67.

to pronto e acabado. Já no segundo caso, os professores transferem a responsabilidade para o aluno, no que se refere ao aprendizado, uma vez que para eles, o aluno tem uma capacidade inata para aprender, assim, só lhes restam fazer algumas orientações. Entretanto, podemos perceber que há professores que praticam as duas concepções pedagógicas. Contudo, não detectamos nenhum professor que atuasse com a Pedagogia Relacional.

“Ao supor que os alunos sejam agentes de transformação da realidade próxima, surgem algumas perguntas. As transformações ocorrem por vontade individual? Como são situadas as transformações de caráter coletivo? Ou ainda, o ‘sentir-se sujeito histórico’ (grifo da autora) significa que o indivíduo é o único responsável pelas mudanças e pelo destino de sua própria existência e que não é fruto de uma determinada história conjuntural e estrutural mais ampla? O aluno é sujeito da história ou pode sê-lo pela compreensão de que é igualmente produto de uma história? Quais os limites da ação histórica individual? Como a história vivida de cada ‘cidadão’ (grifo da autora) interfere e se relaciona com a história da sociedade? Conhecer a realidade circundante em que o aluno vive, implica fazer do estudo de História um instrumento fundamental para a desmistificação da sociedade moderna? Como o estudo do passado se relaciona com o desvendamento da realidade presente? Para responder a tais questões, torna-se necessário especificar, nos textos curriculares, o conceito de cidadão.”<sup>12</sup>

---

12 Ibid, op cit, p. 21.



## 2

# Um horizonte para o ensino de História

### 2.1 – Como ocorre o Processo de Ensino-Aprendizagem

“O primeiro objetivo do conhecimento histórico é a compreensão dos processos e dos sujeitos históricos, o desvendamento das relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços. Os historiadores estão atentos as diferentes e as múltiplas possibilidades e alternativas apresentadas nas sociedades, tanto nas de hoje, quanto das do passado, que emergiram da ação consciente ou inconsciente dos homens; procuram apontar para os desdobramentos que se impuseram com o desenrolar das ações desses sujeitos.”<sup>13</sup>

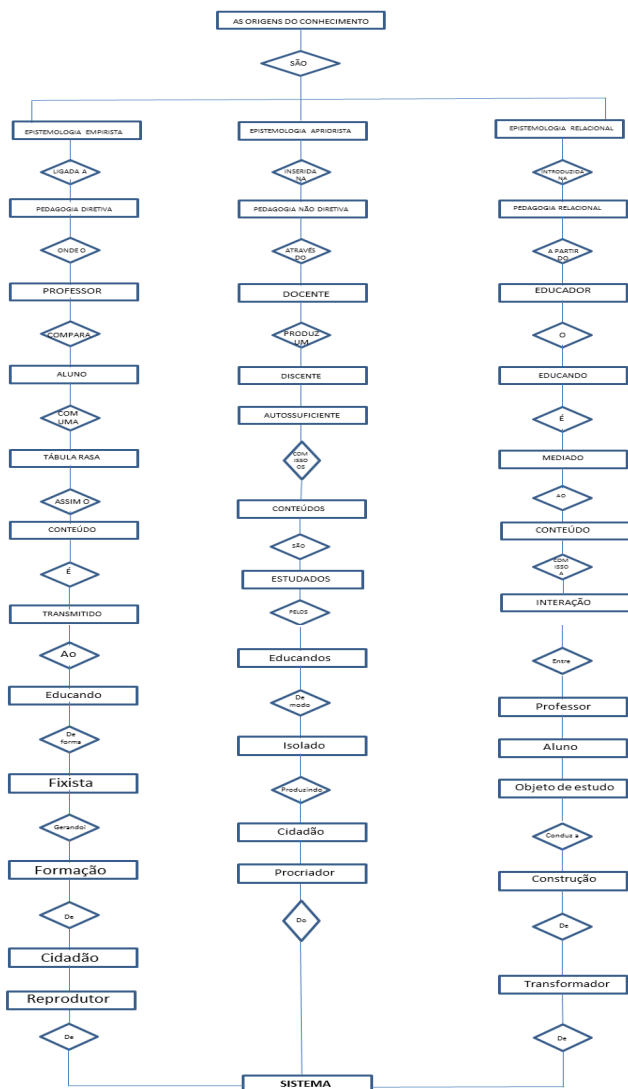
Neste sentido, precisamos refletir sobre as origens do conhecimento, no que diz respeito à aprendizagem na educação. Assim, podemos perceber que os conhecimentos trabalhados entre os professores e os alunos são marcados por determinadas características no que se refere ao modo pelo qual estes conhecimentos são manipulados pelos sujeitos envolvidos, assim sendo, os aspectos peculiares dos

---

13 Ibid, op cit, p. 42.

caminhos trabalhados, possibilitam uma classificação dos mesmos em: empirismo, inatismo e interacionismo. Num primeiro momento, podemos perceber que os professores empiristas são norteados por concepções que os enquadram como os produtores dos conhecimentos dos alunos; desta forma, as aulas são ministradas a partir das suas determinações, quer dizer, os mesmos são comandantes das suas tropas de alunos. Já, num segundo momento, detectamos os professores que são impregnados pelo inatismo, ou seja, na sua prática de ensino, a relação estabelecida entre o educador e o educando é caracterizada pela colocação dos alunos como o responsável pela sua aprendizagem, assim, o professor realiza apenas orientações durante o seu contato com os discentes. Em um terceiro momento, encontramos professores interacionistas, isto é, para eles os conhecimentos dos alunos são construídos de acordo com as interações. Assim, a capacidade de absorver o conhecimento é proveniente da ação conjunta de professores e alunos, quer dizer, os professores e os alunos estabelecem ações recíprocas durante o relacionamento que envolve os dois no processo de construção do conhecimento.

Para tanto, é indispensável que o Professor tenha uma consciência das concepções de como se dão as origens do conhecimento, pois esta visão propicia a saída do professor da sua caverna. Nesse sentido, o mapa conceitual a seguir viabiliza este caminho:



Fonte: O autor.

Assim sendo, o professor de História tem que abandonar a sua falsa neutralidade e se posicionar perante a sociedade atual. Dessa forma, é indispensável que ele tenha coerência entre o seu discurso e a sua prática social. E, a partir disso, assuma o compromisso com a mudança social através da sua postura construtiva, e com isso, mediatize a formação do cidadão revolucionário oriundo das "classes populares", possibilitando a realização de ações que gerem transformações no seu contexto histórico. Contudo, é indispensável que as atividades desenvolvidas pelo professor de História e pelos alunos de História ultrapassem as grades do enclausuramento escolar. Para tanto, é fundamental a interação do professor com o aluno na perspectiva do mapa conceitual seguinte:

## 2.2 – O ensino de História e a Formação do Cidadão Revolucionário

No Brasil, o ensino de História desenvolvido no Ensino Médio necessita incorporar uma ação educativa voltada para a transformação dos sujeitos e da sociedade em que o ele está inserido; no sentido de provocar uma ruptura gradativa do sistema capitalista. Assim, é primordial a revolução interna dos sujeitos históricos e, por conseguinte, o seu engajamento nas lutas sociais.

“Perceber a complexidade das relações sociais presentes no cotidiano e na organização social mais ampla implica indagar qual o lugar que o indivíduo ocupa na trama da História e como são construídas as identidades pessoais e as sociais em dimensão temporal. O sujeito histórico que se configura na inter-relação complexa, duradoura e contraditória entre as identidades sociais e pessoais é o verdadeiro construtor da História. Assim, é necessário acentuar que a trama da História não é o resultado apenas da ação de figuras de destaque, consagrada pelos interesses explicativos de grupos, mas sim a construção consciente/inconsciente, paulatina e imperceptível de todos os agentes sociais, individuais ou coletivos.”<sup>14</sup>

Para tanto, a História precisa ser lecionada com o objetivo de mudar as raízes mentais dos indivíduos, tanto no plano material, quanto no plano ideológico. Com isso, transformar a estrutura econômica vigente.

---

14 Ibid, op cit, p. 45-46.

“Só existe cidadania se houver a prática de reivindicação, da apropriação de espaços, da pugna para fazer valer os direitos do cidadão. Neste sentido, a prática da cidadania pode ser a estratégia, por excelência, para a construção de uma sociedade melhor. Mas o primeiro pressuposto dessa prática é que esteja assegurado o direito de reivindicar os direitos, e que o conhecimento deste se estenda cada vez mais a toda população.”<sup>15</sup>

Nesse sentido, o ensino de História precisa demonstrar a luta existente entre os homens em diferentes tempos e espaços, para que esta possa ser problematizada nas aulas de História, como meio de apresentar para os alunos que as sociedades humanas são produzidas a partir dos conflitos dos sujeitos históricos, num determinado contexto histórico. Para isso, é fundamental ter como ponto de partida a compreensão do presente e a sua concatenação com o passado. “A maioria de nossos estudantes não compreende a História que estuda e nem as suas finalidades”.<sup>16</sup> Uma vez que está, pois, arraigada na mente de muitos professores de História a concepção de um ensino baseado em nomes, datas, fatos e personagens. Destarte, não podemos esquecer de que esta concepção produz um ensino de História repetitivo e memorizador, e por sua vez, desconectado com a vida dos educandos.

Em virtude das análises mencionadas, somos levados a acreditar que a História é um dos caminhos para a formação de um cidadão, consciente, crítico, reflexivo e participativo

---

15 Ibid, op cit, p. 10.

16 Ibid, op cit, p. 67.

da vida social em todas as esferas de poder. Para isso, o ensino da História deve viabilizar o desenvolvimento do raciocínio histórico como uma arma intelectual para as mãos dos seres humanos. Assim, o ensino de História é uma estrada para a libertação dos sujeitos históricos, uma vez que esta ciência possibilita a compreensão da sociedade na qual o indivíduo está inserido. Dessa forma, é significativa a interação entre o professor, o aluno e o conhecimento através da inserção durante o processo de ensino-aprendizagem, do modo pelo qual os conceitos, os procedimentos e as atitudes são trabalhados nas salas de aula por professores e alunos, bem como, na sociedade em geral.

## Considerações finais

Finalmente, depois de uma longa investigação, constatamos que o ensino de História é um caminho para a formação de um cidadão crítico, reflexivo, autônomo e transformador da realidade social, no plano da teoria. Pois, na prática, o mesmo é uma estrada para a alienação dos indivíduos, através de um ensino que aborda nomes, datas, fatos e personagens, com uma análise dos fatos que não possibilita uma conexão do presente com o passado nem uma compreensão do contexto histórico atual.

Nesse sentido, detectamos um discurso dos professores de História desconectado com a sua realidade, quer dizer, eles afirmam que a História proporciona uma consciência histórico-crítica. Todavia, na sala de aula, ministram uma aula em que a História é estudada mediante o passado pelo passado.

Assim sendo, percebemos que a solução para o problema é um tanto quanto complexa. Pois, além do compromisso dos professores de História no que diz respeito ao dizer e fazer, existem vários aspectos correlacionados ao problema que dificulta a sua solução. Dessa forma, podemos falar que os livros didáticos, a estrutura educacional, a conjuntura social brasileira, a organização familiar, o desinteresse dos alunos e a escola enquanto "Aparelho Ideológico do Estado"<sup>17</sup>, determinam e influenciam de forma decisiva para a manutenção da situação atual.

---

17 Ibid, op cit, p. 68.

## Referências

- ALTHUSSER, Luis, *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2ª Edição.
- BECKER, Fernando. *Educação e Construção do Conhecimento*. Porto Alegre, Artmed, 2001.
- BITTENCOURT, Circe (org). *O Saber Histórico na Sala de Aula*. 2ª Ed. – São Paulo: Contexto, 1998.
- BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Método, Paulo Freire*. São Paulo. Brasiliense, 1982.
- CABRINIL, Conceição (org). *O Ensino de História*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1986.
- DIEHL, Astor Antônio. *O Livro Didático e o Currículo de História*. Passo Fundo: UPF, 2002.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, Reflexões e Aprendizados*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Caminhos da História Ensinada*. Campinas, SP. Papyrus, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KARNAL, Leandro (org.) *História na Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Propostas*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização*. São Paulo: Cortez, 2003.
- LUCINI, Marizete. *Tempo, Narrativa e Ensino de História*. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- MANIZINI, Covre. Maria de Lourdes. *O que é Cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Cortez, 1998.
- MATUI, Jiron. *Construtivismo: Teoria Construtiva Sócio Histórica Aplicada ao Ensino*, São Paulo: Moderna, 1995.
- NASCIMENTO, Maria Joséilma do. *A Abordagem dos Conteúdos de História: Uma Questão a ser Analisada*. Pau dos Ferros-RN: UERN, 2004.
- NIKITIUK, Sônia L. *Repensando o Ensino da História*. São Paulo: Cortez, 2001.
- PINSKY, Jaime (org). *O Ensino de História e a Criação do Fato*. São Paulo: Contexto, 1997.
- REIS, José Carlos. *A História entre a Filosofia e a Ciência*. Belo Horizonte: Autêntica: 2004.
- RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *A Formação Política do Professor de 1º e 2º Graus*. São Paulo. Cortez, 1987.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.
- SARMENTO, Maria Aurélia. *Rupturas... Permanência... Perspectivas: O Ensino de História no Brasil, Definições e Redefinições do seu Papel Educativo e Social – Mossoró (RN)*, 2005.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. Teorias da Educação, Curvatura da Vara, Onze Teses sobre Educação e Política. São Paulo, Cortez, 1986.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SILVA, Marcos (org). *Repensando a História*. Editora Marco Zero. Rio de Janeiro. 1984.
- SILVA, Roberto Palhano. *O Ensino de História no Nível Médio: Um Estudo das Causas do seu Desprestígio*. Mossoró-RN: UERN, 2004.

SPERB, Dalila C. *Problemas Gerais do Currículo*. Porto Alegre. Globo, 1979.

TOBIAS, José Antonio. *História da Educação Brasileira*. São Paulo. Juriscred LTDA.

# Anexo

## Ser cidadão-cidadã!

Não basta ter casa e comida,  
Ter emprego e vestuário,  
Ter transporte e ter vida,  
Ter acesso a um grupo comunitário.

Não basta que me deem vacina,  
E uma feirinha todo final de mês,  
Quero ter vida digna,  
P'ra na participação eu ter vez.

Quero por minha competência,  
Ter os direitos que os ricos tem,  
Quero ser livre p'ra ter ciência,  
D'aquilo que me convém.

Quero ser gente que decide,  
Seus direitos exercitar,  
Mas também que participe,  
Para os deveres cobrar.

Quero vida, respeito e dignidade,  
Para mim p'ra família e p'ro povo em geral,  
Quero escola e trabalho de qualidade,  
Quero paz e justiça social.

Quero ter liberdade para escolher,  
Os meus direitos com soberania,  
Quero terra, renda, saúde e lazer,  
Quero exercer minha cidadania.

Quero da miséria sua extinção,  
Quero o fim da violência,  
Quero o fim da exploração,  
Quero dos políticos a clemência.

Quero ter direito de votar,  
Sem pagar qualquer sentença,  
Pelos meus direitos de gritar,  
Fazendo com que a justiça vença.

Taniamá



Meu nome é Osório de Lima Filho, sou natural de Apodi-RN. Filho de José e Maria, irmão de Suely e Suelya e pai de Lara Maria. Sou formado em História pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, Mossoró-RN, em 2006. Além disso, sou especialista em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes, em 2017. Sou professor de História do Rio Grande do Norte e espírito convicto. Contato: osoriidahistoria@gmail.com

paruna

